

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO.  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 17

**Assinaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 11500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

## AINDA AS ELEIÇÕES

O triumpho das mediocridades é a bitola maxima da decadencia d'um povo. Ora em Portugal esse triumpho é completo.

Foi a cidade de Aveiro representada, largos annos, no parlamento, pelo grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães. Largos annos a representou, tambem, o sr. José Dias Ferreira, que é um homem illustre. Hoje representa-o o sr. Perdigão, que ninguém sabe quem é.

Foi o actual governador civil de Aveiro, a quem os vitalinhos não cessam de sabujar, n'uma curvatura tão accentuada de servilismo que desperta intensamente o appetite, a qualquer que passa e que vê, de lhes applicar dois pontapés n'aquelle posterior que a torpe lisonja repimpa tão salientemente para fóra, foi o actual sr. governador civil quem afogentou d'aqui o sr. José Dias Ferreira. E é o sr. governador civil de Aveiro, de accordo com o sr. presidente do conselho, quem nos dá agora em troca o senhor Perdigão.

O senhor Perdigão! O senhor Perdigão, que se vai sentar na cadeira de José Estevão!

Olhem que é ousadia. Uma ousadia irritante, que não pôde passar sem estes piparotes de justa indignação, com que a estamos castigando.

Contava-nos uma vez um deputado progressista, o sr. Kendall, a maneira como o actual presidente do conselho, o sr. José Luciano de Castro, conseguira ser deputado pela primeira vez.

José Estevão apoiava então o governo que estava no poder. O sr. José Luciano de Castro quiz aproveitar essa influencia e pediu a intervenção d'um cunhado seu, que era amigo de José Estevão. O cunhado do sr. José Luciano escreveu ao grande tribuno e uma vez que este, em seguida a isto, chegou a Aveiro, foram ambos visital-o.

Conta o sr. José Luciano:

«José Estevão entrou na sala, eu levantei-me, tremulo de admiração e de respeito, mas o famoso orador nem para mim olhou. Foi direito a meu cunhado, que recebeu com grandes expansões de amizade. Passados os cumprimentos e essas expansões meu cunhado disse-lhe:

— Aqui está Fulano, em quem te falei na carta que te escrevi.

José Estevão voltou-se então para mim, carregou a sobranceira, mirou-me d'alto abaixo e disse, em voz forte e severa:

— Viva, menino. O que eu admiro é a sua audacia em pretender um logar na camara como representante do povo, o senhor,

que não tem serviços nenhuns, que não tem titulos de qualidade alguma a apoiar a sua pretensão, o senhor, que nem eu sei se será, ao menos, um homem intelligente ou não.

Mas está bem. Tem serviços por si, e de sobra, o José Henriques (José, Antonio ou João, não nos lembra e pouco importa para o caso.) E como elle pede para que o façamos deputado, será o senhor deputado, em attenção a esse pedido e aos relevantes serviços, prestados á causa publica, de quem o pedé.

Isto nos dizia, pouco mais ou menos, o sr. Kendall, como tendo-o ouvido ao proprio sr. José Luciano de Castro, que contava isso lamentando a decadencia a que nós chegámos, hoje, que qualquer se julga habilitado, mal sahe da Universidade, não só a ser deputado como a ser logo ministro.

Mas foi o sr. José Luciano deputado, pela primeira vez, por um circulo de primeira ordem e com tradições? Não sabemos ao certo, mas estamos bem convencido de que o não foi.

Que o sr. Perdigão fosse deputado pela Moita dos Ferreiros, por Alhos Vedros ou por Paio Pires, vá lá. Não era correcto, nem admissivel, porque s. ex.ª vinha a ser, da mesma forma, um representante do paiz. Mas vá lá. Deputado por Aveiro, porém, pela capital d'um districto, pela terra de José Estevão, é d'aquellas audacias que, sendo indesculpaveis em todo o mundo, é d'aquelles casos que, sendo deprimentes para os proprios que a acceitam, porque constituem uma verdadeira immodestia, das taes que offendem por serem injustificadas, é uma affronta recebida de quem os impõe, que n'esta particularidade são os srs. Albano de Mello e José Luciano de Castro.

Propozessem por Aveiro o sr. Alpoim, que é, ao menos, um ministro d'estado. Propozessem outro homem já conhecido, embora fosse um insignificante, porque insignificantes são todos esses actores do theatro monarchico-constitucional, com rarissimas excepções. Guardassem um pouco as apparencias. Mas atirar-nos á cara com um nome desconhecido, profundamente desconhecido, com um novato, é considerar isto, verdadeiramente, um burgo pôdre.

Repetimos o que já dissémos: não conhecemos, nem pouco nem muito, o senhor Perdigão. Não sabemos se é um homem de merecimentos ou não. Não discutimos a sua individualidade senão debaixo d'este ponto de vista: se tem merecimentos não os proveu ainda e, em todo o caso, não tem serviços á causa publica; logo, é uma affronta aos principios liberaes s. ex.ª arvorar-se em repre-

sentante do paiz, cargo que só deve exercer quem tiver já dado provas publicas que sejam, em pouco ou muito, uma garantia.

E essa affronta não temos que a agradecer a s. ex.ª, mas ao sr. Albano de Mello e ao sr. José Luciano de Castro.

De resto, consolem-se os de Aveiro com os outros. Foi assim por toda a parte. As terras mais importantes do paiz vão ser representadas n'uma camara, que tem poderes constituintes, por homens que os eleitores nem de nome conhecem. São no geral, uns advenciosos.

A isto chegamos.

### THEATRO AVEIRENSE

Dizem-nos estar definitivamente resolvido que o espectáculo organiado, a convite da Direcção do Recreio Artístico, por alguns membros da extincta Troupe Dramatica Aveirense, em beneficio do cofre d'aquella associação, se realisa no proximo dia 21 do corrente.

Subirão á scena as comedias: *A Casa de Babel* e *Os filhos de Adão* e tomará parte no espectáculo um quartetto que executará varios trechos de musica d'alguns dos mais notaveis compositores.

Vem do Porto as actrizes Augusta Cezaria e Izabel Pinto. *Mise-en-scène* é do sr. Antonio Augusto Duarte Silva.

Informam-nos tambem de que no dia 23 a *Tuna Talábriga*, que é composta unicamente de rapazes nossos patricios, que por vezes se teem já feito ouvir com agrado, dará no nosso Theatro um sarau litterario-musical. Vamos, pois, ter occasião de passar duas noutes agradavelmente.

## Theophilo Braga

Houve em Lisboa, na Associação dos Logistas, uma sessão de homenagem a este escriptor.

Cantou-se o seu talento e os seus serviços e até ali está bem. Mas cantou-se tambem o seu character e ali está mal.

E um dos que cantaram o character do sr. Theophilo Braga foi o famigerado Gomes da Silva.

Que tratantes, que tratantes! Quem conhece esta corja é que os avalia bem. Quem ouviu o Gomes da Silva dizer contra Theophilo os ultimos improprios, as ultimas injurias, nas tabacarias, nas redacções dos jornaes, nas boticas, em toda a parte onde elle chegava, e quem o ouve agora dizer, segundo o *Seculo*, que Theophilo tem um character puro e inquebrantavel e que o seu maior desejo era que seu filho fosse tão honrado como o eloquente tribuno!

Que tratantes! Que tratantes! Ora para se ver o character puro e inquebrantavel de Theophilo basta attentar-se n'isto: Theophilo escrevia a Santos

Cardoso cartas intimas, incitando-o á revolta, e, quando a revolta surgiu, Theophilo dizia no Chiado, vide *Correio da Noite* d'esse tempo, que Santos Cardoso era um patife, que procedera por conta do governo.

Theophilo assignava, com o directorio do partido republicano, a que pertencia, documentos contra a projectada revolta do Porto e, particularmente, dizia aos factores da revolta: «Andem para deante, que eu cá estou a tomar n'elles.» Elles eram os collegas com quem Theophilo assignava os documentos referidos.

Um dos membros do directorio foi preso no 31 de janeiro, sendo o unico que, sinceramente, tinha combatido a oportunidade da revolta. Todos os outros tratantes, que haviam jogado com um pião de dois bicos, ficaram em liberdade. Pois Theophilo nem um bilhete, com duas palavras banaes, dirigiu ao collega preso. Pois Theophilo, encarregado pelo directorio de escrever ao collega qualquer coisa, que representasse uma demonstração de vulgar camaradagem, não cumpriu esse encargo. Pois Theophilo, que não ganhou para sustos n'aquelle tempo todo, apressou-se a ir a bordo do *Vasco da Gama* abraçar Santos Cardoso, quando este chegou ao Tejo, o mesmo Santos Cardoso que denunciou o collega do sr. Theophilo Braga no directorio, o mesmo Santos Cardoso que Theophilo apontava como agente do governo, e Theophilo fazia isso tudo com medo de Santos Cardoso o denunciar ainda a tempo.

Não o denunciou, mas publicou-lhe as cartas, mais tarde, cartas que, na verdade, conjugadas com os antecedentes e os consequentes, revelam um character.

Ora eis ali o character puro e inquebrantavel de Theophilo Braga.

Tão puro e inquebrantavel que, abaixo, d'elle, só o Gomes da Silva!

Este está um bocado abaixo. N'isso concordámos. Mas fiquemos por ali, que é bastante.

Estes tratantes julgarão que já morremos? Não morremos, nem morreremos, sem deixar a verdade toda a nú.

D'isto podem ter todas a certeza.

Não regateamos a Theophilo, nem a nenhum, os seus meritos e serviços. Mas não consentiremos que se diga senão aquillo que fór de justiça.

Abaixo a mentira.

Em Nova-York foi assignado o tratado que põe termo ao predomínio inglez nas ilhas de Samóa. A Allentanha e os Estados-Unidos dividiram entre si aquellas ilhas.

## A PROPOSITO DO PADRE

Como Guyot demonstra admiravelmente, n'uma logica cerrada, clara, irrespondivel, o christianismo produziu o aviltamento humano.

«O homem não tem senão uma coisa a fazer: resignar-se, submeter-se, inclinar-se deante do despota divino, supplicar-lhe, imploral-o. E' o ultimo esmagamento do individuo, a declaração absoluta da sua impotencia; não pôde ser senão chato. Não pôde mesmo proceder com um fim determinado; só pôde rezar. Não lhe resta mesino o orgulho da lucta, do esforço: só tem a humildade da resignação.

E' preciso que o homem adquira o habito de curvar a fronte, de se pôr de joelhos, de se rebaixar aos seus proprios olhos, de se degradar, de se desprezar perante a grande entidade que se chama Deus. Degradando-se perante Deus, sér invisivel, intangivel e do qual não tem uma percepção muito clara, degrada-se perante os ministros que o representam, achata-se perante o pollegar e o index d'um padre erguidos no ar, curva a fronte na sua passagem. O homem avilta-se deante do homem.

Pois bem. O homem adquiriu o habito de se aviltar deante d'um padre, d'um ministro de Deus, de ajoelhar deante d'elle e de lhe dirigir supplicas. Mas o rei, o senhor, um mandão qualquer não é tambem o ministro de Deus em virtude do direito divino? (1) Não é todo o superior um dos seus representantes? Porque não ha de pois o homem rastejar deante d'elle e abrixar-se até lhó lambem as botas? (2) Não é a humildade uma virtude? Não é a baixeza um merito? E' sempre agradável a Deus vêr os homéms chafurdar no desprezo de si proprios.

Eis o que fez o christianismo. Por os povos de rastos, de ventre no chão. De ventre no chão deante de Deus, de ventre no chão deante do rei e dos principes. O homem torna-se um reptil; rasteja e morde. Morde! A hyrcrisia do servilismo torna-se a sua segunda natureza. Passa a sua vida a invejar, a intrigar, a insinuar-se para obter as boas graças dos que mandam. Não entra de cabeça erguida no paraizo, cuja porta só a abre o favor; entra lá com as mãos pelo chão. O christião não deve levantar a cabeça para o céu. Agacha-se na sombra e d'ahi inveja os eleitos. O christianismo é a religião da sorte e do acaso. O culto christião é uma loteria. Não tem justiça; tem sorte. Quem tiver sorte é que é favorecido. Não ha justiça porque não ha direitos. Segundo S. Paulo, Deus está sempre prompto a castigar. A sua colera é continua, anterior mesmo ao nascimento do homem. «Nós somos os filhos da sua colera.»

Não está o homem, na revolta da sua dignidade, em estado de peccado permanente contra todos os seus senhores? D'ahi a oppressão da idade média e da monarchia. Sujeição a Deus, sujeição do homem ao homem; e perdão no céu, o favor na terra; tudo isso se contém e se resume n'uma palavra: oppressão e aviltamento do homem.

Nada mais claro, mais logico, mais frisante, mais irrespondivel. São verdades esmagadoras. O christianismo

(1) D. Carlos, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc.  
(2) E rasteja e lambe. E' o grande partido dos beija-cas. Figue o sr. Guyot sabendo que cá em Aveiro é quasi tudo.

visou sempre a degradação humana. Nas suas palavras, nas suas theorias, nos seus factos, nos seus processos, attenta sempre contra a altivez humana, combate sempre a independência, a dignidade do homem, que quer curvado, humilde, rastejando, escravo. Para se chegar a esta conclusão nem é preciso ler a historia, nem é preciso consultar os philosophos; basta olhar para o que se passa em volta de nós e meditar um pouco. Contudo, não faltam idiotas, sem exclusão de republicanos, socialistas e outros—a idiotice não tem partido—a invocar e a apregoar, mesmo quando combatem os padres, a liberdade, a igualdade e a fraternidade proclamadas pelo christianismo!

O mundo está cheio de ignorantes e de imbecis. É uma consolação para a besta do doutor Molice.

E como irá esta besta de saúde? Qual-quer dia lhe perguntaremos por isso.

Guyot, continuando na sua analyse sobre o christianismo, demonstra, num capitulo seguinte do seu excellentissimo livro, pag. 122 a 135, que o christianismo, em lugar de ser a reabilitação da mulher, como se pretende, escravizou-a tambem a ella, como escravizou tudo.

«Quiz se fazer do christianismo o triumpho da mulher e a propria mulher acreditou n'isso. As mulheres como todos os outros opprimidos, como os outros proletarios, foram victimas d'aquelle logro do christianismo que já assignalámos. Foram para elle julgando que elle lhes trazia a emancipação, a independência, a igualdade que a velha civilização grega e romana lhes tinha tão obstinadamente recusado; e, sendo bem acolhidas por elle ao principio, como foram todos os humildes, e, depois de as ter lisongeado, de lhes ter dado dignidades, de as ter seduzido, separa-se d'ellas bruscamente, ou, antes, mostra a separação, que, primeiro, tinha escondido.—Quem és tu, mulher? pergunta elle. És a filha d'Eva, responde, aquella que, tendo-se deixado seduzir pela serpente, seduz o homem e o perde; és tu a eterna causa do peccado desde o paraizo terrestre até ao fim do mundo: tu peccas por isso mesmo que tu existes e quanto mais tu fores mulher, isto é, mais bella, mais culpada serás, porque mais provocante has de ser. Tu és o mal porque tu és o goso d'esta carne maldicta. Tu és o mal porque tu representas o amor desviado do seu idealismo funebre. Tu és o mal porque tu és a vida e a sua perpetuidade e nós representámos o tumulo. Tu és o mal porque tu és a felicidade: n'este valle de lagrimas e nós só admittimos a felicidade no outro mundo.»

Para traz, pois, fema do homem, grande tentadora, voz de Satanaz, tu, que colheste o fructo da arvore da sciencia! O contacto do homem contigo constitue uma macula. S. Agostinho só permite que se approxime um do outro para que os christãos não desapareçam da terra, extinguindo-se e, por consequente, prejudicando a gloria de Deus. S. Jeronymo vae mais longe: o casamento é sempre um vicio; o mais que se pôde fazer é desculpal-o, sanctificá-lo. Fez-se um sacramento para o purificar. Molha-se com agua benta para lavar a infamia. O baptismo lava o peccado do nascimento; o casamento lava o peccado da procreação.

A mulher não soube guardar o seu corpo puro; obedeceu ao demonio da carne. Pois bem: o sacramento encadeia-a, cil-a ligada perpetuamente ao homem. Pertence-lhe. «Mulheres, obedeci aos vossos maridos», disse S. Paulo. E a escravidão até á morte.

E a escravidão da mulher é dupla. O padre, entregando-a a um homem, conserva-a sempre na sua dependencia. Mette-se como terceiro na alcova; intervem entre o marido e a mulher para domar o demonio e ella, docil, ajoelha-lhe aos pés, implora-o e entrega-lhe o marido a quem elle a ligou; em recompensa o padre despreza-a de tal forma que vae procurar fóra da natureza a satisfação das suas paixões.

Este odio da carne manteve-se tão furioso que ficou nos nossos costumes e nas nossas leis; o casamento, em lugar de ser um contracto particular, ficou um sacramento indelevel que nenhuma vontade, nem mesmo a das duas partes interessadas, pôde quebrar. A nossa sociedade ficou dividida em duas classes, deseguaes em direitos: os orthodoxos do casamento e os pagãos do casamento, as uniões consagradas e as que o não são.

A pergunta: «pôde-se abandonar uma mulher de que se tem filhos para tomar uma esposa?» o papa Leão I responde: «Expulsar uma escrava da cama para tomar uma esposa de certa ingenuidade, não é bigamia, é um progresso na honestidade.»

Santo Epiphânio chama ás mulheres heresias. «Frequentar uma mulher, diz S. Cypriano, é espôr-se a todas as especies de tentações: tudo n'ella está disposto para fazer cahir no inferno quem d'ella se approximar. É a sua forma que leva ao peccado. É na sua substancia que tomou origem a necessidade de morrer. Longe de nós essa peste, esse contagio! De que desordem as mulheres não são causa! Tudo n'ellas é funesto! Perde-se com a sua amizade. Quem se liga a uma mulher prepara-se para grandes desgostos. Quem se liga a ella illegitimamente faz a si proprio uma chaga incuravel.»

Depois o santo descreve todas as tentações que as mulheres provocam. Parece que o santo era excitavel. Não lhes podia vêr os braços nus sem se sentir afogueado; se ellas se descobriam um pouco para tomar o fresco durante o calor, elle era logo atormentado pelo demonio da concupiscencia. Antes queria ouvir assobiar uma serpente, do que ouvir-las, a ellas cantar e rir.

Odio á carne! Um christão logico era Origenes que, não podendo resistir aos seus appetites, pegou n'uma faca e castrou-se.

Não tinha dicto o proprio Jesus: «Ha homens que são eunuchos desde o seio de sua mãe; outros que são eunuchos porque os homens os fizeram e outros que são eunuchos porque se fazem a si proprios para obter o reino dos céos?» Lextus, por seu lado, dizia: «Ha homens que, para manter a saúde, cortam os membros e deitam-nos fóra; não é preferivel fazer o mesmo para conservar a castidade?»

Mutilação, destruição, aniquilamento do corpo, eis em que terminou logicamente, porque era espirital, o christianismo.

O odio do corpo tem por resultado directo o adulterio. A hypocrisia entra no leito nupcial e ahí fica. Sob

pretexto de que uma esposa não deve ser tratada como amante, o homem procura amantes fóra de casa e a mulher faz-se tratar como amante por amantes. Assim a grande historia dos costumes christãos é a historia do adulterio com todas as suas paixões, com todas as suas violencias duplicadas de hypocrisia, com os seus crimes, os seus assassinatos, os seus ridiculos. Na idade média pullulam os cabrões; (1) Rabelais faz a historia do cabrão, que é o heroe da scena desde Molière até aos nossos dias.

Porque? Porque as idéas d'austeridade e desprezo da carne irritaram, á força de constrangimento, os appetites sexuaes e mataram o sentimento de familia. S. Bernardo demonstra: «O que ha de commum—palavras que põe na bocca do bom christão quando este se dirige a seus paes—entre vós e eu? O que recebi eu de vós, senão a desgraça e o peccado? Só reconheço como vossa herança este corpo corruptivel. Não vos basta, miseraveis, ter-me lançado miseravelmente no meio das miserias d'este mundo? termine, peccadores, produzido peccador pelo vosso peccado? Se o teu pae estiver estendido na soleira da porta; se tua mãe, com o seio descoberto, te mostrar os peitos que te alimentaram; se te apresentar nos braços o teu filho ainda creança; calea aos pés pae e mãe, passa adiante, sem verter uma lagrima, e vó para o estandar-te da cruz...» (2)

Nem amante, nem mulher, nem mãe, a fema do homem, mas um objecto de damnção: a tentadora de Adão, o primeiro peccado, a perda da humanidade, um objecto de desprezo por consequente.»

Tal era a mulher para o christianismo.

Mas sobre este assumpto ha muito que vêr.

(1) Logo, João dos Carrapitos, que, de mais é bem catholico, carrega com sete seculos de cabrão na cabeça!

E Rabelais, e Molière, não conheceram o João.

O que a litteratura e a arte não perderam com isso!

(2) Bonitas doutrinas, ó Fernandes!

### O preço d'um bello

Realizou-se ha dias, no Palace-Theatre de Londres, uma representação em beneficio das viuas e orphãos dos soldados inglezes mortos na Africa do Sul. A «great attraction» do programma era um lote de beijos postos em leilão. Damos em seguida alguns dos preços por que foram arrematados esses beijos: um beijo de miss Mabel Love 5 libras, um beijo de miss Kate G... 4 libras, etc., etc.

Não discutimos estes preços. Limitamo-nos a registrar, para satisfação do orgulho masculino, este simples facto, que muito o deve lisongear. Uma dama offereceu 5 libras esterlinas para abraçar um dos commissarios da festa.

### As festas moveis em 1900

Eis as principaes festas moveis do calendario para o proximo anno:

O Carnaval cá nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro; quarta-feira de Cinza, em 28; domingo de Lazaros, em 2 de abril; de Ramos, em 8; o de Paschoa, em 15; o da S. Trindade, em 10 de junho e o Corpo de Deus, em 14.

os levem!—Que se apertem e façam cabo ao meu principe dos usurarios e á sua encantadora filha. Eu quero que esses camponezes saibam partilhar os melhores logares da synagoga com aquellas a quem ella pertence naturalmente.

As pessoas que occupavam o palanque para o qual se dirigia esta apostrophe injuriosa e descortez eram a familia de Cedric o Saxão e o seu alliado e parente, Athelstane de Coningsburgo, personagem, que, descendente dos ultimos monarchas saxões da Inglaterra, era tratado com o maior respeito por todos os saxões do norte d'esse reino. Mas com o sangue d'essa antiga raça real Athelstane recebera muitos dos seus defeitos. De semblante agradável, grosso, robusto de construção e na flôr da idade, não tinha, porém, animação no ros-

## JUSTIÇA DE CAFRES

MEU AMIGO E SENHOR

Agradeço-lhe ter attendido a minha exposição sobre a justiça na Zululandia. Advirto-o de que isto não é mais do que um desabafo da minha parte. Pouco me interessa, e aos leitores ainda menos, que em Africa haja boa ou má justiça, e em colonias que não são portuguezas. Mas sabe v. que todos quantos viajam gostam de contar o que viram ou vão vendo e eu, além de não fugir á regra geral, tenho amor aos principios d'equidade e fico com os nervos em mau estado sempre que os vejo maltratados em qualquer parte. A justiça não tem patria, nem restricções.

Um sujeito é roubado. Queixa-se á justiça. O accusado sabe que o accusador anda em más relações com outro que é amigo do juiz. Vae pedir a intervenção d'esse outro. Este, por má vontade ao roubado, influe junto do juiz. O juiz admittie essa influencia e protege o ladrão.

Como vê o amigo é um attentado revoltante á justiça, que tanto revolta na Zululandia, como na Patagonia, como na Republica d'Andorra.

Accresce que o protector do ladrão, protector que eu conheci, era um badameca, um bisborria, um caganifancia, o que tornava o caso mais irritante ainda. Peior: o juiz attendia o caganifancia porque caganifancia era um fraldiqueiro que juiz tinha ás ordens para lhe dissipar maus humores, a que o magistrado era muito sujeito. Soffria de spleen, o diabo do homem, e quando estava com os azeites precisava d'uma especie de bobo para o distrahir. Caganifancia desempenhava este papel. E então juiz morria d'amores por caganifancia.

Como vê tudo isto é grave e demonstra que os boers teem sua razão para quererem viver livres e independentes.

Ora que Mistress Animaloides—por este nome era conhecido o magistrado—fosse arbitrario e despota por temperamento proprio, já não era pouco. Sél-o ainda por influencia de caganifancia, como eu lhe chamo, porque na Zululandia era conhecido por Lookfly o que corresponde em portuguez a Cocabichinhos—se v. quizer eu troco alegremente a designação de caganifancia por esta de Cocabichinhos—sél-o ainda, repito, por influencia de Cocabichinhos, é forte, muito forte, porque além de ultrajante da justiça passa a ser ultrajante dos proprios homens.

to, os seus olhos eram inexpressivos, o seu aspecto pesado, os movimentos demorados e indolentes; e era tão vagoroso nas suas resoluções que lhe tinham applicado a alcunha de um dos seus antepassados e lhe chamavam geralmente «Athelstane o Pachorruto». Os seus amigos, e elle tinha muitos que, como Cedric, lhe eram absolutamente dedicados, affirmavam que a sua natureza indolente não provinha de falta de coragem mas simplesmente de falta de decisão; outros pretendiam que o seu vicio hereditario da embriaguez obscurecera as suas faculdades, que nunca tinham sido muito vivas, e que a coragem passiva e o temperamento bondoso e pacifico que lhe restavam não eram senão os restos de um caracter que podia ser digno de elogios mas do qual os elemen-

Cocabichinhos mettido nos coiros de Mistress Animaloides a pôr e dispôr da justiça é das coisas mais racionais que eu tenho visto e se v. visse tambem, meu amigo, pasmava e era até capaz de se benzer, apezar do pacto que v., segundo dizem, fez com Satanaz.

V. benzia-se e era até capaz de trazer para Portugal e de levar para Aveiro, se podesse ou lhe fosse possivel, o tal Lookfly, ou Cocabichinhos, para o metter n'essa collecção de typos que o seu periodico ás vezes descreve. Olhe que o Cocabichinhos não era nada inferior ao do groom de casaca verde ou ao bicyclista de vestimenta estapafurdia.

E para não o maçar ficarei hoje por aqui.

Seu velho amigo e obrigado

João Meluria.

Dizem de Paris, que a folha official publica o relatorio do ministro do commercio sobre o movimento da população em 1898.

O numero dos nascimentos foi de 843:933 e dos obitos 810:073, sendo pois o excesso de nascimentos 38:860.

## Cartas d'Algures

7 DE DEZEMBRO.

Ainda hoje não tenho vontade de falar n'outro assumpto. A guerra entre boers e inglezes desperta-me tanta curiosidade que absorve toda a minha attenção. E vejo que succede o mesmo a toda a gente, em todo o mundo.

A sympathia pelos boers é geral, e não só por despeitos, ciumes, ou invejas da Inglaterra. É certo que uma parte d'aquellas sympathias provem das grandes animadversões que ha contra os inglezes. A Inglaterra é uma grande nação, forte, prospera, feliz, e isso basta para lhe attrahir invejas. É brutal nos seus processos e isso é sufficiente para lhe crear odios. Mas, independente d'isso, é sempre sympathica a causa d'um povo, que se bate pela sua independência e pela sua liberdade. E tanto mais sympathica quanto mais difficil e desproporcionada é a lucta, quanto mais valente é a defesa do mais fraco, quanto mais abatido se vê o orgulho do mais forte.

É exactamente este o caso que se dá entre a Inglaterra e o Transwaal.

O entusiasmo, que vae na Russia, na França, na Alemanha, na Hollanda, pelo Trans-

tos mais valiosos tinham ido desaparecendo com uma longa successão de deboches grosseiros.

Foi a esse personagem, tal como acabamos de o descrever, que o principe intimou a ordem imperiosa de fazer logar a Isaac e Rebecca. Athelstane, totalmente atarrantado por uma ordem a que os costumes e sentimentos da epoca tornavam tão injuriosa e insultante, sem vontade de obedecer e sem se resolver a resistir, não oppoz senão a vis inertia à vontade do principe; e, sem se mexer nem mostrar a mais leve intenção de obediencia, abriu os seus grandes olhos garços e olhou para o principe com um ar pasmado, extremamente comico. Mas o impetuoso principe não encarou o caso por esse lado. — O porquero saxão, disse elle, está a dormir ou não faz caso do

(47)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO VII

— Pois sim, disse o principe, sem o escutar, e lá está o meu Mamon d'iniquidade—o Marquez dos Marcos, o barão dos Besantes, disputando um logar a cães miseraveis que não teem no bolso das suas capas safadas uma unica moeda com a cruz para impedir o diabo de lá dansar. Pelo corpo de S. Marcos! O meu principe dos subsidios e a sua amavel judia terão logar na tribuna!—Quem é essa mulher, Isaac? É tua mulher ou tua

filha essa huri do Oriente que tu apertas sob o teu braço como se fosse um thesouro guardado n'um cofre?

— É minha filha Rebecca, com licença de Vossa Graça, respondeu Isaac, fazendo uma humilde reverencia e sem parecer embaraçado pela pergunta do principe, na qual, no entanto, havia, tanto de zombaria como de delicadeza.

— Não podias ter mais juizo! disse o principe dando uma gargalhada, na qual o imitaram obsequiosamente os seus alegres companheiros. Mas, filha ou esposa, é necessario que se lhe dê o logar a que tem direito pela sua belleza e pelos seus meritos.—Quem está lá em cima? continuou elle levantando os olhos para o palanque. Rusticos saxões, estatelando-se ao comprido preguiçosamente!—Os diabos

waal, comprehende-se facilmente. Quasi todos esses paizes odeiam a Inglaterra. Mas, independente d'isso, o assombro, causado por um povo insignificante, pondo em cheque a nação que, ainda hontem, falou á França com o maior arreganho, não pôde deixar de se traduzir em explosões de entusiastica admiração.

E' o que está succedendo.

A corrente de sympathia pelos boers é geral.

Por mim, não tenho odio algum á Inglaterra. Não lhe perdo os seus processos brutaes, isso não. Deus me livrará de fazer como as *Novidades*, unico periodico portuguez que mostra uma má vontade profunda aos boers, as quaes, tendo hostilizado vivamente a Inglaterra por occasião do *ultimatum*, defendem-a hoje com mais calor que o proprio *Times*.

Eu não esqueço o *ultimatum*, nem outros procedimentos da Inglaterra para comnosco. E é esse o fraco da Gran Bretanha, esse o motivo do odio que lhe votam todas as nações pequenas. As nações grandes tem-lhe inveja; as nações pequenas tem-lhe verdadeiro odio. As grandes invejam-lhe a sua grandeza, o seu tino, a sua prosperidade. As pequenas odeiam-na pela brutalidade com que as trata. Na verdade, a Inglaterra, sempre prompta a encolher as garras quando não pôde ferir impunemente, não hesita nas ultimas brutalidades quando não vê perigo em usar d'ellas.

Portuguezes, hespanhoes, e outros povos pequenos, ou de segunda ordem, não lhe perdoam isso, não lh'o perdoarão nunca. E eu, n'esse ponto, sou portuguez. Mas, propriamente, não lhe tenho odio. Antes admirei o seu espirito liberal e progressivo, o seu grande senso pratico e outras qualidades e virtudes de primeira ordem que o povo inglez possui, sem que essa admiração me leve até ao ponto de negar a outras raças virtudes e qualidades de igual ou superior grandeza. Vejo, por exemplo, varios pataratas a desdenhar systematicamente da França sem se lembrarem de que a França é a nação dos direitos do homem, a nação que deu a liberdade ao mundo, porque a Inglaterra, se a tinha antes, reservava-a exclusivamente para si, como faz em tudo.

Ouçõ, todos os dias, varios imbecis falar com desprezo da raça latina sem repararem que foi a civilização grego-latina a civilização d'onde irradiou toda a cultura moderna, que foi a raça

latina que fez acordar o espirito humano do somno profundo da idade média, que foi ella que descobriu o caminho da India, que descobriu a America, que deu a volta ao mundo, que fez as grandes emprezas, os grandes trabalhos do progresso humano.

Eternos pataratas! Formidaveis pedantes!

Agora mesmo é na França que se debatem as grandes questões da democracia, é alli que se trava a valer o combate entre o passado e o futuro.

Mas que lhe havemos de fazer? Não ha nada peor que um asno. O asno julga-se sempre a quinta essencia da arte, da litteratura, da sciencia, e vão lá actuar-o.

Não tenho odio á Inglaterra. Não é, pois, o odio, que me arrasta para o lado dos boers. E' a justiça da causa que estes galhardamente defendem.

Cultivaram campos abandonados e aridos. Construíram villas e cidades. Organizarão-se em nação. Mostraram-se dignos de o ser. Teem, pois, todo o direito a viver vida independente e livre.

O que admira é que haja em Portugal, nação pequena, sempre ameaçada na sua independencia, portanto com interesses immediatos em fazer causa commum com os opprimidos e em defender o direito contra a força, quem se mostre pouco favoravel aos boers. Pois ha. As *Novidades*, como já dissémos, directa e descaradamente. Outros mais indirectamente, mais a medo, mas desdenhando, contudo.

Ainda ha dias o *Tempo*, em artigo de fundo, que não era do sr. Dias Ferreira, falava do gigante e do pygmeu, n'aquelle tom em que se tratam sempre os pygmeus. O gigante, está claro, era a Inglaterra. O pygmeu, claro está tambem, era o Transwaal.

Pois, caro senhor articulista, quando os pygmeus põem em cheque os gigantes, bem se podem rir dos que se riem d'elles. O senhor amanhã, n'um combate singular, rir d'aquelle que, não tendo homem que o derribe, só pôde ser vencido por um bando? Chama-lhe pygmeu? Chama gigante ao adversario, que vai buscar cem para o ajudarem a vencer-o?

Pois ali tem o pygmeu do Transwaal e ali tem o gigante da Inglaterra.

O Transwaal ha de ser vencido pelo numero, não ha duvida. Mas o gigante é elle. Elle, pequenissimo povo, que poz o joelho no peito do grande colosso inglez. Elle, povo *semi-barbaro*,

que demonstra qualidades militares e civicas que não possuem aquelles que o tratam com desdem, e que não possui a propria orgulhosa Inglaterra. Elles, que são muito melhores soldados, muito melhores tacticos, muito melhores estrategicos do que os inglezes, sendo ao mesmo tempo mais caritativos com os prisioneiros e com os feridos, mais humanos, emfim.

O povo transwaliano tem hoje direito a ser olhado com admiração por todo o mundo. Desdenhar d'elle demonstra estupidez ou insania. E quando esses desdens partem d'um paiz como Portugal, que não tem feito outra coisa senão curvar-se a todas as imposições que veem de fóra, que deve, como nação pequena, estar sempre do lado dos fracos, porque fraco é elle tambem, quando esses fracos defendem a justiça, a razão, ou a independencia da sua terra, é mais do que estupidez, é mais do que insania, é falta de altivez e de civismo, apanagio dos povos moribundos.

E continuaremos a falar sobre esta magna questão.

A. B.

### Concursos para o magisterio secundario

Veio no *Diario* de quarta-feira o aviso declarando aberto concurso para provimento das vagas existentes nos lyceus do reino e ilhas adjacentes.

São as seguintes:

- 1.ª circumscripção—Lisboa.
  - 1.º grupo. Portuguez e Latim. Lisboa, 1 lugar vago; Beja, 2; Evora, 3; Faro, 2; Portalegre, 1; Angra, 3; Funchal, 2; Horta, 3; Ponta Delgada, 1.
  - 2.º grupo. Inglez e Allemão. Beja, 1 lugar vago; Evora, 1; Angra, 1.
  - 3.º grupo. Inglez e Allemão. Desenho. Evora, 1; Santarem, 1; Funchal, 1.
- 2.ª circumscripção—Coimbra.
  - 1.º grupo. Portuguez e Latim. Aveiro, 1 lugar vago; Castello Branco, 1; Guarda, 1; Vizeu, 1.
  - 2.º grupo. Inglez e Allemão. Coimbra, 1; Vizeu, 2.
  - 3.º grupo. Mathematica e Physica. Bragança, 1; Villa Real, 1.
  - 4.º grupo. Geographia e Historia. Leiria, 1. Desenho. Aveiro, 1; Castello Branco, 1.
  - 5.ª circumscripção—Porto.
    - 1.º grupo. Portuguez e Latim. Amarante, 1 lugar vago.
    - 2.º grupo. Inglez e Allemão. Amarante, 1; Braga, 1; Bragança, 1; Guimarães, 1; Villa Real, 1.
    - 3.º grupo. Mathematica e Physica. Bragança, 1; Villa Real, 1.
    - 6.º grupo. Chimica e Historia Natural. Amarante, 1. Desenho. Amarante, 1; Guimarães, 1; Villa Real, 1.

O prazo para apresentar os requerimentos termina no dia 7 do proximo mez de janeiro, pelas 4 horas da tarde.

com que o encarava o principe perguntou-lhe por que motivo eram aquellas aclamações.

— Os meus bravos estão sempre promptos, respondeu o *yeoman*, quando vejo um bom tiro ou uma acção corajosa.

— Sim? replicou o principe. E aposto que acertas no branco do alvo, tu!

— Acerto, respondeu o *yeoman*, sendo ao alvo e á distancia de caçador dos bosques.

— E a cem jardas se fôr ao alvo de Wat Tyrel (1), disse uma voz por traz d'elle; mas foi impossivel saber quem proferira estas palavras.

(1) Walter Tyrel, um dos cortejões de Guilherme e Ruivo, matou este n'uma caçada, involuntariamente segundo uns, e de proposito segundo outros.

## O trabalho e o valor dos objectos

A renda é um facto natural e o interesse um facto necessario. Não podem supprimir-se, mas o trabalhador pôde entrar na sua posse conquistando a propriedade.

Na idade-media, nas corporações, o artifice trabalhando com as suas proprias mãos era proprietario do capital industrial do instrumento do trabalho. Conservava todo o seu producto. E' uma organização similhante que é preciso fazer renascer, mas sob uma outra forma juridica.

O erro fundamental de Marx reside na ideia que faz do valor, que, segundo elle, está sempre na razão do trabalho. E' fóra de duvida que tornou mais plausivel a theoria de Smith e de Ricardo, dizendo: O valor d'um objecto depende da quantidade de trabalho *socialmente necessario* para o produzir. Assim, uma cadeira levou-nos três dias de trabalho; mas, em media, pôde fazer-se em dois. Não valerá senão o equivalente do salario de dois dias. Apresentada mesmo sob esta forma a noção é falsa. Seja-nos permitido insistir sobre este ponto, que é essencial. Para seguir estas discussões por vezes bastante aridas é necessario armarmos-nos todos com um pouco de paciencia, mormente quando pensarmos que se tracta das proprias bases da ordem social, e de questões ardentemente debatidas em todas as classes populares e nas officinas dos dois mundos.

Eis factos que provam que o valor não é proporcional ao trabalho. Em um dia de caça eu mato um cabrito montez e vós uma lebre. São productos dos mesmos esforços durante o mesmo tempo; terão o mesmo valor? Não; o cabrito dá-me alimento para cinco dias, ao passo que a lebre só para um. O valor d'um será cinco vezes maior do que o do outro. O vinho de Château-Laffite vale 15 francos cada garrafa, e o do vinhedo vizinho 1 franco. E, todavia, o primeiro não exigiu o dôbro do trabalho do segundo. O trigo recolhido n'uma terra fértil tem mais valor do que o que vem d'uma terra ingrata, e, todavia, custou *socialmente*, isto é, regularmente e sempre, menos trabalho. Um kilogramma de manteiga vende-se por 4 francos, e apezar d'isso é o producto quasi espontaneo das hervagens com que a bocca se alimentou. Obtem-se assim umas vezes, com uma mesma somma de esforços, valores muito desiguaes, e outras vezes valores iguaes com quantidades desiguaes de trabalho. O valor não está, pois, em proporção com o trabalho.

Sem duvida que o trabalho é um elemento essencial do valor, mas por toda a parte onde a raridade, isto é, o monopolio natural ou social intervem,—e onde é que elle não intervem?—não é o unico.

Na realidade o valor provem da utilidade. Estimamos as causas pelas vantagens que nos pro-

porcionam. Um individuo que não serve para nada, é um mandrião. Valor é synonymo de coragem, porque houve um tempo em que os homens valiam em razão da sua bravura. A' utilidade é preciso juntar como condição de valor a raridade. O trigo é muito util, mas não tem grande valor, porque é muito abundante. Todavia, reflectindo-se um pouco, vê-se que a raridade não é senão uma forma da utilidade. Quanto mais raro é um objecto, se elle me é necessario, tanto mais a sua posse me é util. Se, pelo contrario, eu o substituo sem difficuldade, porque se encontra por toda a parte, a utilidade de o possuir será minima; será apenas igual ao trabalho que tive para obter um similhante.

A agua, diz-se, é da maior utilidade, e, todavia, não tem grande valor; por conseguinte não é a utilidade que faz o valor. Esta objecção, sempre repetida, repousa sobre uma amphirilogia, que nunca se refutou, porque é muito especiosa. Eis onde está o equívoco: por agua, no primeiro sentido, entende-se a agua em geral, o elemento, e n'este sentido é da maior utilidade, mas é tambem do maior valor, porque um individuo perdido no deserto daria tudo para obter agua. Quando se diz que a agua não tem valor, entende-se uma certa quantidade de agua, e n'este sentido tem tambem muito pouca utilidade. Que vale um balde d'agua á beira d'um ribeiro? Nada, apea a o trabalho de a tomar; n'um quarto andar valeria alguns centimos, representando o salario do portador que lá a fosse levar; no meio do Sahará, para o viajante que por preço algum pudesse obter mais do que o balde em questão, valeria todos os milhões da terra; o valor crescerá assim na medida da raridade ou proporcionalmente á difficuldade da substituição. Pôde, pois, dizer-se, conservando ás palavras o sentido habitual, que um objecto tem tanto mais valor quanto mais raro é, quer seja porque corresponde á necessidade existente, quer seja porque dispensa o sacrificio de dinheiro ou de esforços que seria preciso que cada um se impozesse para obter um similhante.

Em todo o valor ha trabalho, porque o homem deve, pelo menos, colher o fructo que a natureza lhe offerece, mas o valor não está na razão do trabalho, porque, colhendo uma avelã, terá um valor muitissimo menor do que o que teria colhendo um cacho de bananas.

(*Le socialisme contemporain*, por Émile de Laveleye, 7.ª ed. pag. 39, 40 e 41.)

## ALVIÇARAS

DÃO-SE a quem entregar uma carteira contendo 1.520\$000 réis, perdida em 3 do corrente, desde a estrada da Oliveirinha a Aveiro, ao seu dono o sr. Innocencio Esteves, d'Aveiro.

a Vossa Graça, disse o judeu. Não fica bem a pessoas como nós sentarem-se ao pé dos poderosos da terra.

A sua ambição, que o levava a disputar um logar ao alquebrado e pobre descendente da familia Montdidier, não o animava de modo algum a invadir os privilegios dos ricos saxões.

— Mexe-te, cão renegado, que mando eu, exclamou o principe João, ou mando arrancar-te o coiro negro e curtil-o para uma sella do meu cavallo.

Incitado d'esta maneira, o judeu começou a subir os degraus da estreita e ingreme escada que conduzia ao palanque.

(Continúa.)

que eu digo. Chegae-lhe com a vossa lança. De Bracy, accrescentou dirigindo-se a um cavalleiro que estava junto d'elle e era chefe de uma companhia franca, ou de *condottieri*, isto é, de mercenarios que não pertenciam a uma nação em particular, mas se punham por um certo tempo ao serviço de qualquer principe que lhes quizesse pagar. Ouviram-se murmúrios mesmo entre o sequito do principe; mas De Bracy, cuja profissão lhe tinha tirado todos os escrúpulos, estendeu a sua comprida lança para cima do espaço entre o palanque e a liça, e teria executado a ordem do principe antes que Athelstane o Pachorrento tivesse recuperado a presença de espirito necessaria para recuar e livrar-se da arma, se Cedric, tão prompto como o seu companheiro era demorado, não dessem-

bainhasse, com a rapidez do relampago, a espada curta que trazia, e de um golpe não tivesse partido a ponta da lança. O sangue affluu ao rosto do principe João, que proferiu uma das suas juras mais graves e ia dar alguma ordem tão violenta como o estado do seu espirito quando foi desviado d'esse proposito, de um lado pelos personagens do seu sequito, que se juntaram em roda d'elle supplicando-lhe que tivesse paciencia, e de outro lado pelas aclamações geraes da multidão, applaudindo o brioso procedimento de Cedric. Deitou os olhos á roda de si, com ar furioso, como se procurasse uma victima condescendente e sem perigo, e encontrando casualmente o olhar firme do archeiro de quem já fallámos, e que continuava a applaudir sem se importar com o aspecto carrancudo

Esta allusão ao destino de Guilherme o Ruivo, um dos seus antepassados, irritou ainda mais e ao mesmo tempo atemorizou o principe João. Contentou-se, no entanto, em ordenar aos homens d'armas que cercavam a arena que não perdessem de vista aquelle fanfarrão, — e apontou-lhes para o *yeoman*.

— Por S. Grizel! accrescentou elle, queremos experimentar a pericia de quem é tão prompto a applaudir as façanhas dos outros.

— Não me esquivarei á prova, disse o *yeoman*, com a serenidade que mostrara em todo este incidente.

— Quanto a vós, levantae-vos, rusticos saxões! disse o orgulhoso principe, porque, pelo sol que nos allumia, visto que eu o disse, o judeu ha de sentar-se entre vós.

— De modo nenhum, se apraz

ARMAZENS  
DA  
**BEIRA-MAR**  
DE  
**MANUEL GONÇALVES NOBEIRA**  
PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5  
**AVEIRO**

D'aquí levarás tudo tão sobejo  
(Laz. Cam.)

**Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO**

**CONFECÇÕES:** Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e crianças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Único deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinícola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importância.**

**OFFICINA DE CALÇADO**  
DE  
**João Pedro Ferreira**  
AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e crianças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

**Hotel Cysne**  
**Boa-Vista**  
AVEIRO

Recommenda-se pelo accio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

**ATELIER DE ALFAETERIA**  
DE  
**Joaquim Ferreira Martins**  
(O GAFANHÃO)  
R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e criança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**  
DE  
**Manuel Rodrigues da Graça**  
R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima, arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

**Vinho de Bucellas**  
VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de  
**José Gonçalves Gamellas**  
Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello **Champagne**.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 300 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool; com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

**Rua Direita (Largo do Manuel Maria)**  
**AVEIRO**  
**SAPATARIA AVIRENSE**  
DE  
**Marques d'Almeida & Irmão**  
AOS BALCÕES  
Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos  
**José Gonçalves Gamellas**  
A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se a venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

**Vinho de Collares**— Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

**TRENS DE ALUGUER**  
FERNANDO HOMEM CRISTO  
Rua da Alfandega

**TYPOGRAPHIA**  
DO  
**POVO DE AVEIRO**

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

**RUA DE S. MARTINHO**  
**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloroto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de  
**Domingos José dos Santos Leite**  
**RUA DO CAES**  
**AVEIRO**

**BARRA—PHAROL**

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal **biscoito d'Aveiro**,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA**:—o genuino vinho de meza, limpido, aromático, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

**BOM EMPREGO DE CAPITAL**

**QUEM** pretender comprar a quinta do Torraão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

**ROLÃO PALMA**

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

**Praça do Peixe—AVEIRO**